

Dicionários: testemunhos da memória linguística

Telmo Verdelho
Universidade de Aveiro

Os dicionários são monumentos do mais valioso património de uma comunidade, são um testemunho privilegiado da memória linguística e uma fonte inexaurível de leitura estudiosa e de reflexão metalinguística. Fazem parte do saber linguisticográfico beneditinamente cultivado pela mestre insigne e colega estimada Maria Helena Paiva. Dedicamos-lhe estas notas de leitura com amizade, “leto corde”, como quem descobre no seu testemunho existencial que o estudo, o ensino, a investigação e a ciência, numa palavra, a vida ganha uma renovada dimensão quando a reconhecemos como um lugar de encontro fraternal.

1. A herança dicionarística da língua portuguesa, deve reconhecer-se, é modesta, sobretudo se a compararmos com a tradição lexicográfica de outras grandes línguas europeias próximas da nossa, como a espanhola, a francesa, a italiana ou a inglesa, mas é, mesmo assim, um património muito estimável e suficientemente informativo para merecer a atenção e a dedicação dos filólogos e dos estudiosos da língua e da cultura portuguesa.

Até há pouco mais de vinte anos, os dicionários antigos portugueses eram objecto de raras referências eruditas. Jaziam num recanto de penumbra do legado bibliográfico, e eram ignorados, mais do que quaisquer outras fontes da memória linguística. Justino Mendes de Almeida fez o primeiro roteiro da lexicografia latino-portuguesa, numa sequência de recensões publicadas entre 1959 e 1972¹. Depois dele, duas outras publicações assinalam a recuperação dessa herança

¹ Justino Mendes de ALMEIDA, “Lexicógrafos portugueses de língua latina: 1. O primeiro lexicógrafo português da língua latina: Jerónimo Cardoso”, in *Evphrosyne* 2 (1959), 139-152; 2. “Agostinho Barbosa: o segundo lexicógrafo português da língua latina”, in *Revista de Guimarães*

valiosa: do Prof. Paul Teyssier (cuja memória bem merece aqui uma saudosa evocação), um texto publicado em 1980, “Jerónimo Cardoso et les origines de la lexicographie portugaise”²; e de Átila de Almeida uma bibliografia copiosa de dicionários portugueses publicada em 1988³. De então para cá, os dicionários portugueses⁴ têm sido objecto de assídua pesquisa, dispondo-se presentemente de um conjunto de informação publicada que nos permite um bom reconhecimento global do fundo lexicográfico. Em breve, com base em trabalhos em curso, os dicionários antigos portugueses deverão encontrar-se, em condições de poderem ser reintegrados entre as fontes diacrónicas disponíveis e interactivas para o estudo e uso da língua, e também para o aprofundamento da história das ideologias, das mentalidades e da cultura em geral. Um conjunto, cada vez mais amplo de estudiosos, em Portugal, no Brasil, e em outros países, sobretudo da Europa, vem trabalhando sobre os dicionários antigos, retomando e reela-

75: 1/4 (1963), 31-40; 3. “A *Prosodia* de Bento Pereira”, *ibidem* 77: 1/2 (1967), 5-12; 4. “O *Diccionario lusitanico-latino* de Frei Pedro de Poyares”, *ibidem* 12-17; 5. “A *Porta de línguas (Janva lingvarum)*, de Amaro de Roboredo”, *ibidem* 79:112 (1969), 5-7; 6. “*Amalthea sive hortus onomasticus*, do P. Fr. Tomás da Luz”, *ibidem* 7-13; 7. O “*Vocabulario portuguez e latino*, de D. Rafael Bluteau”, *ibidem* 13-27; 8. “O *Aparato critico para a correção do diccionario intitulado Prosodia in vocabularium bilingue digesta*, de António Pereira de Figueiredo”, *ibidem* 27-36; 9. “O *Diccionario portuguez, e latino do Padre Carlos Folqman*”, *ibidem* 36-40; 10. “O *Breve diccionario da latimidade pura e impura*, de António Pereira de Figueiredo”, *ibidem* 79:314 (1969), 193-198; 11. “Os Dicionários de Pedro José da Fonseca”, *ibidem* 198-210; 12. “O *Magnum lexicon*, de Frei Manuel de Pina Cabral”, *ibidem* 210-216; 13. “O *Diccionario portuguez-francez-e-latino novamente compilado* por Joaquim José da Costa e Sá”, *ibidem* 216-326; 14. “O *Diccionario latino, e portuguez*, por Damião de Froes Perim (Fr. João de S. Pedro)”, *ibidem* 82:3/4 (1972), 151-162; 15. “Nomenclatura portuguesa, e latina”, *ibidem* 163-168.

² Paul TEYSSIER, “Jerónimo Cardoso et les origines de la lexicographie portugaise”, in *Bulletin des Etudes Portugaises et Brésiliennes*, 41 (1980), 77-32.

³ Átila de ALMEIDA, *Dicionários parentes e aderentes, uma bibliografia de dicionários, enciclopédias, glossários, vocabulários e livros afins em que entra a língua Portuguesa*, João Pessoa. FUNAPE / Nova Stela, 1988. Nesta bibliografia, o autor retoma e integra o catálogo anteriormente publicado pelo seu progenitor Horácio de Almeida, *Catálogo de dicionários portugueses e brasileiros*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1983.

⁴ Falamos dos dicionários antigos, publicados até ao final do séc. XVIII. A lexicografia moderna portuguesa começou com a obra de António de Moraes Silva (1755-1824) (*Diccionario da Língua Portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado e accrescentado por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro*, Lisboa, na Of. de Simão Thaddeo Ferreira, 1789), cf. Telmo Verdelho, “O dicionário de Moraes Silva e o início da lexicografia moderna”, in *História da língua e história da gramática - actas do encontro*, Braga, Universidade do Minho / ILCH, 2003, p.473-490. Os dicionários modernos também não suscitaram bibliografia crítica e histórica assinalável, para além das algumas notícias de síntese, veja-se: Ramiz GALVÃO, “Lexicologia portuguesa. Os melhores léxicos”, *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 51 (1936), 182-201; e Gladstone Chaves de MELO, *Dicionários portugueses*, Rio de Janeiro, Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, 1947.

borando a sua informação, com grandes vantagens para a história da língua portuguesa. Entre eles, não posso deixar de mencionar o Prof. Dieter Messner, da Universidade de Salzburgo, e o Prof. Brian Head, da Universidade do Minho, que, para além da admiração devida aos seus trabalhos e ao seu douto saber, merecem a nossa estima e agradecimento pela generosidade com que adoptaram a nossa língua como objecto de estudo. Nesse empreendimento me encontro igualmente envolvido, com projectos de trabalho que poderão começar a curto prazo a ter alguma visibilidade, nomeadamente, a releitura crítica integral dos dicionários antigos, registada em suporte electrónico e tratada informaticamente, de modo a poder recuperá-los e inseri-los numa informação lexicográfica que constitua uma base de dados fundamental para o reconhecimento da memória histórica da língua. Temos já um registo completo em suporte electrónico, ainda em revisão, de todos os dicionários de Jerónimo Cardoso⁵ e da *Prosodia* de Bento Pereira⁶, de grande parte do *Vocabulário português e latino* de Rafael Bluteau, e de vários outros textos paralexográficos dos sécs. XVI, XVII e XVIII.⁷

2. A “vida das línguas” actualiza-se num processo de complexidade homólogo, ou pelo menos subsidiário do percurso humano. As línguas devem poder corresponder à necessidade de verbalização do mundo e do conhecimento complexo e por isso se transformam e se desentranham numa inesgotável produtividade lexical que se repercute na hipertrofia dos dicionários. É justa-

⁵ A obra lexicográfica de Jerónimo Cardoso é composta pelos dicionários de português-latim e de latim-português que primeiro se publicaram em Portugal. Com excepção dum pequeno dicionário de latim-português, organizado por temas, para uso escolar, publicado autonomamente em 1551 (ed. perdida), 1562 e 1587, os restantes dicionários, incluindo a reedição do dicionário de português-latim primeiramente publicado em 1562, foram impressos em 1569/70, postumamente, num conjunto dicionarístico, preparado por Sebastião Stockammer. Trata-se de um importante “corpus” bilingue, onde se atestam cerca de 24.000 formas diferentes do fundo lexical português. A obra lexicográfica de J. Cardoso foi reeditada mais de uma dezena de vezes, até ao fim do século XVII, com algumas variações ortográficas, mas sem alterações significativas.

⁶ A *Prosodia* é a obra mais representativa da dicionarística dos Jesuítas, foi publicada desde 1634, e teve sucessivas reedições até 1750. A Professora Maria Helena Serras Reis Silva Freire, do Instituto Politécnico de Portalegre, procedeu ao registo informático e prepara uma leitura crítica e um estudo filológico, lexicográfico e linguístico deste dicionário amplíssimo de latim-português.

⁷ A leitura, o registo e a preparação deste “corpus” lexicográfico está a ser efectuado no âmbito de um projecto de investigação financiado pela F.C.T.. Entre outros, conta com os colaboradores João Paulo Silvestre, Helena Freire, Manuel Carvalho. A obra lexicográfica de Rafael Bluteau será em breve objecto de uma dissertação de doutoramento, a apresentar na Universidade de Aveiro, por João Paulo Martins Silvestre. A leitura e o registo informático do texto do *Vocabulário* devem ficar concluídos durante o ano de 2004.

mente com base na leitura dos dicionários que propomos uma reflexão sobre a componente lexical da língua portuguesa e particularmente sobre a formação de palavras que se manifesta num fluxo produtivo, sempre em expansão, ao longo do seu percurso diacrónico.

3. A ciência dicionarística tem dois princípios essenciais: o da acumulação e o da hierarquização.

A hierarquização é o princípio ordenador do dicionário e a chave da sua funcionalidade. Trata-se de indexar as unidades lexicais de modo a corresponder a uma procura rápida e a oferecer um acesso fácil. Pode recorrer-se, para esse efeito, a um ou a vários critérios de ordenação (alfabéticos, semânticos, gramaticais, ou ainda pelo universo de referência). A eficácia desses critérios avalia-se, não só pela sua coerência, mas também pela possibilidade de distinguir e reconhecer todas as unidades diferentes, pela facilidade da sua utilização e ainda pela transparência informativa. Na história dos dicionários, têm sido exercitados diferentes princípios ordenadores e até a simples acumulação ocasional ou aleatória, mas, em quase todos, a ordenação alfabética aparece de modo preponderante, não obstante a sua relativa dependência da uniformização ortográfica. O princípio da hierarquização dos dicionários suscitou uma inesperada valorização do alfabeto, descobriu-lhe uma espécie de subsistência autónoma em relação à escrita e em relação à própria língua.

O alfabeto transformou-se no mais importante instrumento de indexação da informação e do conhecimento científico e técnico, podendo dizer-se que se apresenta actualmente como o grande organizador do mundo, uma espécie de chave de acesso a todo tipo de informação. Trata-se de um desvio da sua primeira função, que era simplesmente servir de instrumento para o registo de actos de língua, e este desvio foi paulatinamente aproveitado a partir da experiência dos dicionários. Foi a exercitação dos dicionários que levou à funcionalização do alfabeto como o mais eficaz instrumento para a ampliação, armazenamento e catalogação ou indexação do saber. Hoje a indexação alfabética executa-se fora dos dicionários e fora dos sistemas linguísticos verbais. O alfabeto é um instrumento translinguístico, que organiza quase toda a actividade humana para além do exercício verbal, apoia a elaboração científica e sustenta a acumulação do conhecimento.

Além do princípio da hierarquização, não menos importante nos dicionários é o princípio da acumulação. Este manifesta-se pelo tamanho dos dicionários. Corresponde à componente paradigmática da língua e defronta-se com um dilema insolúvel da ciência humana, que se institui entre a obsessão do exaustivo e a

contrariedade do ilimitado. Os dicionaristas têm elaborado teorias sobre a interpretação sensata da exaustividade. Um dicionário não é bom por ter muitas palavras, mas é bom por ter todas as palavras que podem servir a um objectivo. Esta formulação não consegue, todavia, superar o confronto com o ilimitado. De facto, nunca nenhuma língua terá um dicionário completo, nunca nenhuma língua terá o dicionário ideal, no entanto, os dicionaristas vão continuar a querer fazer um dicionário sempre mais próximo do ideal da plenitude.

4. O princípio da acumulação torna os dicionários documentos particularmente interessantes para o estudo da diacronia das formas linguísticas. São uma instância privilegiada de fixação do universo verbal. A tradição dicionarística assumiu a tarefa de recolher, registar e disponibilizar as palavras conhecidas ou testemunhadas que afloraram ao discurso. Partindo geralmente de uma concepção de pecúlio ou de tesouro verbal, os dicionários foram documentando a emergência e a actualização linguística em cada momento da sua realização. Transformaram-se naturalmente numa espécie de marcos sincrónicos que assinalam uma sequência de estações, no percurso diacrónico da língua. Comparando os dicionários sucessivamente editados e reeditados ao longo dos anos, podemos observar o registo da chegada à língua das formas que vão sendo integradas em usos documentados no texto escrito ou na memória oral, e podemos também avaliar o fluxo de criação e de inovação lexical. Este exercício foi-nos parcialmente facilitado pela obra do Prof. Dieter Messner, *Dicionário dos dicionários portugueses*, que confronta uma série de 29 textos lexicográficos, desde 1554 até 1858⁸.

Um modo fácil de observar e confrontar a herança dicionarística, é-nos fornecido pelos próprios editores que foram tomando a iniciativa de assinalar com um asterisco, uma cruzinha, ou outra qualquer sinaléfa, os termos acrescentados e as inovações introduzidas em cada actualização editorial. É muito informativo o roteiro dessas palavras assinaladas. Podemos tomar para exemplo a 4ª edição do *Dicionário da Língua Portuguesa* de António de Morais Silva, publicada em 1831⁹. Entre muitos outros termos assinalados como entradas

⁸ Dieter MESSNER, *Dicionário dos dicionários portugueses*. Salzburg: Institut für Romanistik der Universität, 1994-2001 (Bibliotheca Hispano-Lusa, 3, Vol. 1 ABA-ABC, 1994; 4, Vol. 2 ABD-ABU, 1994; 6, Vol. 5 AGA-AJU, 1995; 7, Vol. 3 AC, 1996; 8, Vol. 4 ADA-AFU, 1996; 9, Vol. 45 U, 1997; 10, Vol. 6 ALA-ALG, 1997; 11, Vol. 7 ALH-ALZ, 1998; 12, Vol. 8 AM, 1998; 13, Vol. NA-NI, 1999, 18, Vol. 37 NO-NU, 2001.

⁹ Cf. Telmo Verdelho, "O Dicionário de Morais Silva e o Início da Lexicografia Moderna", Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, Braga, 2002, sep. de *História da Língua e História da Gramática*, Actas do Encontro, p.473-490.

novas, notamos as formas “completivo”, “complexidade” e “Compriméntár”. Três novidades que poderiam bem ser objecto de uma reflexão metalinguística, sobre a elaboração gramatical, ou sobre a sociologia da língua:

“Completivo, adj. t. de Gram. Que serve de completar, ou caracterisar um complemento: *caso, frase -*.” (p.422);

“Complexidade, s.f. t. novo. Qualidade do que é complexo: “- de ideas” (χ como ks) (p.422);

“Compriméntár v. at. t novo Fazer cumprimentos, dizer palavras ou expressões cortezes; felicitar”. (p425) (hoje ortografado *cumprimentar*);

Podemos também lembrar a 6ª edição do mesmo *Dicionário da Língua Portuguesa* de António de Morais Silva, publicada em 1858¹⁰. Nela encontramos registados com o sinal de novas entradas, um conjunto de termos - como “biologia”, “fonética (phonetica)” “fotografia (photografia)”, “frenologia (phrenologia)”, - que repercutem certamente o impulso tecnolectal que a língua sofreu pelos meados do século XIX.

5. Os dicionários acompanham o percurso diacrónico da língua, dão conta da evolução e cristalização das formas das palavras, e constituem, por isso, fontes privilegiadas para o estudo da variação e fixação fonética, e podem eventualmente fundamentar observações de âmbito sociolinguístico. Os dicionários portugueses documentam, por exemplo a progressiva alternância e concorrência entre formas como “cousa / coisa”, “dous / dois”, “louro / loiro”.

Também a evolução e as vicissitudes semânticas de muitas formas podem ser esclarecidas percorrendo os itinerários dicionarísticos. Lembro formas como: “chacota”, “desporto”, “discreto, discrição”, “fado”, “metro”, “ministro”, “polícia”, “propaganda”, “secretário”, “seminário”, “tratante” e milhares de outros termos, menos visíveis. Procurando na lista breve do Português Fundamental (que tem apenas 2217 palavras), e sem incluir os termos novos, encontramos, só nas entradas da letra A, uma dúzia de palavras que sofreram alguma ressemantização: “acidente”, “actual”, “adubo”, “agência”, “almoço”, “ambulância”, “anúncio”, “árbitro”, “aspirar (aspirador)”, “assistência, assistir”, “aterrar (avião)”¹¹.

¹⁰ Id., p.488.

¹¹ *Português Fundamental*, vol. 1: *Vocabulário e Gramática*, t. 1: *Vocabulário*, 1984; vol. 2. *Métodos e Documentos*, t. 1: *Inquérito de Frequência* (Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Lúcia Garcia Marques, Maria Luísa Segura da Cruz), t. 2: *Inquérito de Disponibilidade* (Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Paul Rivenc, Maria Luísa Segura da Cruz), 1987, Lisboa, INIC/Centro de Linguística, 1984-1987.

Os dicionários são um instrumento imprescindível para a história das ideologias e das mentalidades e de um modo geral para o reconhecimento da memória que nos identifica. Sob este ponto de vista, um indicador sensível é o tratamento dado ao vocabulário marcado pela moralidade pública, às palavras dos interditos linguísticos, aos chamados palavrões da obscenidade e da blasfêmia. Alguns dicionaristas justificam mesmo, em textos introdutórios, a omissão deste vocabulário. Para além da moralidade da língua, os redactores dos dicionários repercutem naturalmente nas suas definições a inércia acrítica do pensamento comum,¹² mas, por outro lado dão acolhimento à notícia das grandes transformações históricas, do progresso e da evolução social, porque recolhem das terminologias da técnica e da ciência muitas palavras que transbordam para o léxico comum e são usadas na comunicação quotidiana.

6. A leitura dos dicionários coloca-nos perante o princípio da acumulação e torna evidente um problema que parece hoje crucial na história das línguas, justamente o que se exprime por essa palavra “complexidade” que foi dicionarizada em 1831. A complexidade e adaptabilidade ganham progressiva importância na caracterização dos sistemas linguísticos, na sua estruturação sintagmática, na actualização semântica, e também na sobreposição paradigmática. As pesquisas sobre a tradução mecânica e sobre a inteligência artificial têm confirmado esta visão da língua como um “pensamento complexo”¹³. Mesmo a componente lexical, que tomaríamos simplesmente, como um sistema linear de acumulação, oferece uma recursividade semântico-referencial, e uma adequação à selectividade morfo-sintáctica, próprias de um saber auto-recursivo, em adaptação contínua.

Correspondendo a esta produtividade, os dicionários das línguas surgem mais e mais copiosos em cada nova edição, revelando um processo de inovação imparável, e tornando o saber linguístico mais pesado e mais complexo. Os

¹² Exemplo muitas vezes citado é o artigo correspondente à entrada “Mulher”. Nos dicionários de português, a partir dos meados do século XIX, além da acepção de “pessoa do sexo feminino”, ou “fêmea da espécie humana”, regista-se uma segunda acepção com valor depreciativo, a que corresponde a qualificação de “fraco” (Roquete, José Inácio. *Dicionario da Lingua Portuguesa de José da Fonseca, feito inteiramente de novo e consideravelmente augmentado por José Inácio Roquete*, Paris/Lisboa, Guillard/Aillaud, 1848.); ou de “classe inferior”. O Dicionário de Português da Porto Editora modificou a redacção e eliminou esta acepção, em edição recente. O *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (dito da) Academia das Ciências de Lisboa, recorre a uma formulação eufemística para registar a mesma acepção: “pessoa do sexo feminino pertencente a um nível social desfavorecido (SENHORA).”

¹³ Cf. Edgar MORIN, *Introduction à la pensée complexe*, ESF Editeur, 1990.

Transcrição da sequência de entradas EX—

do Tesouro de Bento Pereira (1638/1647)

+Exacção, +Exacta cousa, +Exactamente, +Exageração, +Exagerada cousa, +Exagerador, +Exagerar, +Exalação, +Exalçada cousa, +Exalçar, +Exaltação, +Exaltar, Exame, +Examinação, +Examinada cousa, Examinador, +Examinador de costumes, Examinar, Examinarse, +Exasperação, +Exasperada cousa, +Exasperar, Exceder, Exceição, Exceituada cousa, +Exceituador, Exceituar, Excellencia, Excelente cousa, Excellentemente, +Excessiva cousa, +Excessivamente, +Excesso, +Excitação, +Excitada cousa, +Excitador, +Excitamento, +Excitar, Exclamação, Exclamar, +Excluída cousa, +Excluir, +Excrementos, +Execração, +Execranda cousa, +Execrar, +Execução, +Execução de algum officio, Executar, Executor, +Exemplar, +Exemplar homem, +Exemplificar, Exemplo, Exequias, Exercitada cousa, +Exercitador, Exercitar, Exercitarse, Exercício, Exercito, +Eximida cousa, +Eximir, +Existência, +Exorbitante cousa, +Exorbitantemente, +Exordio, +Exortação, +Exortador, +Exortadora, +Exortar, +Exortativa cousa, +Expectação, +Expedição, +Expedida cousa, +Expelida cousa, +Expellir, Experiência, Experimentada cousa, Experimentar, +Explicação, +Explicado, +Explicador, +Explicar, Expirar, +Expor, Exposição, +Expositor, +Exposto, +Expressada cousa, +Expressa cousa, +Expressamente, +Expressão, +Expressar, +Expressimir, +Expugnável cousa, +Exquisita cousa, +Exquisitamente, +Extensão, +Extensa cousa, +Extincta cousa, +Extinguida cousa, +Extinguir, +Extraordinário, +Extravagante, +Extremidade

Destas 107 entradas apenas 28 tinham já sido registadas no dicionário de Agostinho Barbosa¹⁹. São um bom testemunho da transfusão latinizante e também da adequação às solicitações da escrita, que se torna mais quotidiana e que necessita de mais ampla memória lexical.

Para além deste primeiro período da lexicografia portuguesa, o horizonte de análise deverá prolongar-se em direcção ao nosso tempo. As entradas começadas pelo prefixo *EX-* vão aumentar às centenas em cada momento de renovação dicionarística. A formação de palavras com o prefixo *EX-* integra-se na criação lexical como um sistema aberto. Poderemos agenciar muitos milhares de palavras da língua portuguesas formadas com este prefixo. De facto, no

¹⁹ Não será necessário atribuir a esta contabilidade (baseada na informação de Bento Pereira) uma estrita precisão. De facto, algumas formas assinaladas encontram-se já nos dicionários de Agostinho Barbosa e de Jerónimo Cardoso. Trata-se, todavia, de uma pequena margem de inexactidão que não afecta a dimensão desproporcionada de palavras acrescentadas.

planturoso dicionário de António Houaiss²⁰ encontramos a notícia de que estarão dicionarizadas no *Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras* cerca de 1.500 palavras com esse prefixo²¹.

Uma outra perspectiva deste mesmo problema do incremento do léxico podemos observá-la na dicionarização do vocabulário criado com recurso aos radicais —**metro/a**— e suas variantes morfológicas.

No *Tesouro* de Bento Pereira ocorrem quatro entradas em que se encontra o radical **metr**—. São elas:

- + **Metrificar**. *Carmina pangere, cõponere, modulari.*
- + **metro**. *Mensura, ae. Metrum, i*
- + **metropoli**. *metropolis, is*
- + **metropolitano**. *metropolitanus, i.*²²

A dicionarização deste radical no *Dicionário de Houaiss* propõe-nos uma realidade já um tanto distanciada, e dificilmente articulável com a documentação lexicográfica dos séculos XVII e XVIII. As quatro formas remetem para duas origens etimológicas diferentes que se encontram nesta “família de palavras”. As duas bases etimológicas vão actualizar-se e convergir, por vezes sem distinção formal, na criação de um abundante vocabulário que se distribui por vários âmbitos terminológicos, com várias centenas de entradas.

Entradas correspondentes à nomenclatura do Dicionário Houaiss da língua portuguesa

—**metra**, elemento de composição pospositivo, do gr. *-métrés* ‘o que mede (o que é indicado no antepositivo)’, der. do v. *metréó* ‘medir’, em comp. já clássicos, já formados (em geral) do sXIX em diante em conexão com os nomes de *-metro* e *-metria* relativos à idéia de ‘medida’, segundo o padrão ideal

²⁰ *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* [dir.] António Houaiss, Mauro de Salles Villar, Francisco Manoel de Mello Franco, Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

²¹ Ex- prefixo 1) da prep.lat. *ex/e* ‘movimento para fora, tirado de, acabamento’, em port. tb. apenas *e-*, às vezes criando oponencialidades do tipo *exportar/importar* ‘movimento para fora’/ ‘movimento para dentro’ ou do tipo *exumar/inumar* ‘tirar (da terra)’/ ‘pôr dentro (da terra)’, *excluir/incluir*, *egresso/ingresso*; desde os começos do sXIX, este pref. tem sido empregado, com hífen sempre, para indicar que uma pessoa deixou de ser algo (função, cargo etc.) - **ex-amigo**, **ex-presidente**, **ex-deputado**, **ex-noiva**, **ex-marido** etc. 2) do pref.prep.gr. *eks-* ‘fora de’, conexo com *ec-*, ver, em geral com os sentidos coincidentes em lat. e em gr. (e, em ambos os casos, em pal. em que a consciência da prefixação é nula para o comum dos usuários); sem distinção de orig., o V.O. regista cerca de 1.500 pal. com esses pref., numa proporção de 3:1 entre latinas e gregas; notar, por fim, que, em f. muito popularizadas lat., há *es-* (*escusar*, p.ex.); ver *lexo-*.

²² *Op. cit.*, 1647, fol.67r.

higrômetro:higrometria:higrômetra; na prática, essa relação é incompleta, isto é, não há sempre o terceiro elemento, que tem existência verb. virtual: p. ex., se na organização social se desenvolver um tipo de profissão que consistia em usar de *aerômetros* ou *batímetros* ou *dipsômetros* de forma sistemática tal que o seu setor de *aerometria* ou *batimetria* ou *dipsometria* tenham profissionais próprios, estes serão “naturalmente” designados como *aerômetras* ou *batímetras* ou *dipsômetras* (ou, sob influxo de form. ing. modernas, paralelas, *aerometrista* ou *batimetrista* ou *dipsometrista*); o exemplário a seguir limita-se aos registros existentes: *aerômetra*, *astrômetra*, *biômetra*, *equinômetra*, *estereômetra*, *geômetra*, *hematômetra*, *hidrômetra*, *higrômetra*, *micrômetra*, *zoômetra*; ver **-metrista**

metragem, metralgia 1877 MS7, **metrágico** 1877 MS7, (metralh-), **metranemia** sXX cf. AGC, **metranêmico** s.XX, **metratonia** sXX cf. AGC, **metratônico**, **metrectasia**, **metrectásico**, **metrectomia**, **metrectômico**, **metrectopia** sXX cf. AGC, **metrectópico** sXX,

—**metria**, elemento de composição pospositivo, de *-metro* ‘medida’ ou *-metra* ‘o que mede’ + o suf. *-ia* formador de subst. abstratos de condição ou situação ou função ou qualidade, numa relação do tipo décímetro ‘um décimo do metro’: *decimetria* ‘o que está dentro da situação do mensurável por décímetro’ ou *geômetra* ‘o que mede (a Terra)’: *geometria* ‘o que é do campo da mensuração’; virtualmente, todos os subst. em *-metro*, em *-metra* e em *-métrico* (conexo com a noção de ‘matriz, útero’) virtualizam subst. em *-metria*: *acidimetria*, *acumetria*, *assimetria*, *astrometria*, *basimetria*, *biometria*, *calorimetria*, *cronometria*, *densimetria*, *dinometria*, *econometria*, *estereometria*, *fluorometria*, *fonometria*, *fotogrametria*, *fotometria*, *geometria*, *gravimetria*, *halometria*, *heterometria*, *higrometria*, *hipermetria*, *isometria*, *longimetria*, *loquiometria*, *metageometria*, *micrometria*, *nefelometria*, *oncometria*, *optometria*, *osteometria*, *pelvimetria*, *perimetria*, *pluviometria*, *radiometria*, *sacarimetria*, *salinometria*, *simetria*, *telemetria*, *termometria*, *tonometria*, *toracometria*, *velocimetria*, *viscosimetria*, *volumetria*, entre outros; ver **2metr(o)-**

métrica 1899 cf. CF1, **metricista**,

—**métrico**, elemento de composição, pospositivo, conexo com **-metria**, formador com o suf. *-ico*, específico de adjetivos, de derivados de 1) *-métrico* com a noção de ‘matriz, útero’ (*endométrico*, *paramétrico*, *miométrico*) ou 2) de subst., numerosos, em *-metro* e *-metra* com a noção básica de ‘mensuração’, todos os quais têm adj. em *-métrico* ainda quando não (eventualmente) vocabularizados ou dicionarizados; ver **1metr(o)-** e **2metr(o)-**,

métrico sXVII cf. APoet, **metrificação** 1784 cf. AGC, **metrificado** 1634 cf. BPPro, **metrificador** 1611 cf. MQAf, **metrificar** 1634 cf. BPPro,

—**métrio**, elemento de composição, pospositivo, do gr. *mêtra*, as ‘matriz, útero’, em um número muito reduzido de cultismos da área da medicina, que, em lugar de assumirem a f. -metra (em *endometra*, *miometra*, *parametra*, paroxítona, na base da orig., atendida a qualidade da vogal penúltima), assumem, desde o início (sXIX) em port., na terminologia médica, a f. alongada, prosodicamente inequívoca, de -*métrio*; é que aquelas, mesmo que tivessem existido, tenderiam a unificar-se, por sua insignificante representação, ao padrão de -*metra* (proparoxítono), ver; assim, os poucos casos com este pospositivo e seus der. (-*metria*, com o suf. -*ia* formador de subst. abstratos de situação, condição ou qualidade; -*métrico*, com o suf. -*ico* formador de adjetivos conexos com o referido -*metria* e -*métrio*) são os seguintes: *endométrio* (*endometria*, *endométrico*), *paramétrio* (*parametria*, *paramétrico*) e *miométrio* (*miometria*, *miométrico*); ver tb. *1metr(o)-*,

metriperemia,

—**metrismo**, —**metrista**, —**metrístico**,

metrite, **metr(o)**,

—**metro**, elemento de composição, pospositivo, do subst. de orig. gr. *metro* ‘unidade de medida’, do gr. *métron*; segundo as finalidades do conceito de ‘medida’ (versificação, mensuração em geral, mensuração do sistema métrico decimal), seus comp. ora remontam ao gr.cl., ora vão até form. recentes: *acetímetro*, *acúmetro*, *aerômetro*, *amperímetro*, *amperômetro*, *barômetro*, *basímetro*, *batímetro*, *batômetro*, *calorímetro*, *centímetro*, *clinômetro*, *condutímetro*, *cronômetro*, *decâmetro*, *decímetro*, *densímetro*, *diâmetro*, *dinamômetro*, *ebuliômetro*, *epímetro*, *esferômetro*, *fluorímetro*, *fotômetro*, *freqüenciômetro*, *gasômetro*, *gaussímetro*, *grafômetro*, *gravímetro*, *hectômetro*, *hematímetro*, *hidrômetro*, *indutômetro*, *isômetro*, *linômetro*, *lisímetro*, *lucímetro*, *manômetro*, *marêmetro*, *megâmetro*, *milímetro*, *multímetro*, *nefelômetro*, *numímetro*, *odorímetro*, *ohmímetro*, *oleômetro*, *paquímetro*, *parâmetro*, *pentâmetro*, *perímetro*, *pluviômetro*, *potenciômetro*, *quilômetro*, *quilômetro*, *radiômetro*, *rotâmetro*, *sacarímetro*, *salinômetro*, *tacômetro*, *taquímetro*, *termômetro*, *terrâmetro*, *uranômetro*, *vacuômetro*, *velocímetro*, *voltâmetro*, *wattímetro*, *xilômetro*; ver -*metra* e -*métrico*,

metro 1603 cf. FBReis, **metrô** d1920, **metrocele** 1858 cf. MS6, **metrocorde**, **metrodinia** 1858 cf. MS6, **metrodinico**, **metrodórea**, **metrografia** 1899 cf. CF1, **metrográfico**, **metrógrafo** 1899 cf. CF1, **metrologia** 1858 cf. MS6, **metrológico** 1899 cf. CF1, **metrologista** 1899 cf. CF1, **metrólogo**, **metromania**

1858 cf. MS6, **metromaniaca**, **metromaniaco**, **metrômano** 1899 cf. CF1, **metronidazol** *d1962*, **metronômico** *d1962*, **metrônomo** 1858 cf. MS6, **metropatia** *sXX* cf. AGC, **metropático** *sXX*, **metrópole** 1552 cf. JBarD, **metropolita** 1766 cf. MS1 (sic - gralha por 1789), **metropolitano** 1716 cf. RB, **metroptose** 1899 cf. CF1, **metrorragia** 1840 cf. CompPat, **metrorrágico**, **metrorréia** 1858 cf. MS6, **metrorréico**, **metroscópio** 1858 cf. MS6, **metrosidero**, **metrotomia** 1899 cf. CF1, **metrotômico**, **metroviário** *c1985*, **metrôxilo**.

Este registo lexicográfico patenteia um sistema complicado de criação lexical que nos pode levar a milhares de formas diferentes. É um sistema bastante criativo e, no entanto, é oportuno lembrar que está muito longe de ser um dos mais produtivos da língua portuguesa.

Nele convergem, como já notámos, dois radicais de origem grega: “métron”, a que corresponde o latim “metrum, i”, e “mêtêr” do mesmo radical indo-europeu que está representado em latim por “mater, ris”

Relacionados com estes dois radicais, além das formas da família de “metro”, e “metria”, encontram-se na língua portuguesa centenas de outras palavras que se multiplicam desde as formas ligadas a *mãe*, *madre*, *madrasta*, *madrinha* e *madrigal*, *materno*, *matrícula*, *matéria*, *material* e *materialismo*, *madeira*, *madeireiro*, até às formas ligadas a *medir*, *medida*, *medição*, *médico*, *medicina*, *mezinha*, *mesura*, *mês*, *mesada*, *menstrual*, *menisco*, *menopausa*, *dimensão*, *redimensionar*, *imenso*, *imensidade*, *imensidão*, *imensurabilidade*.²³

8. A lexicalização das línguas parece ser um processo que se desenvolve num sistema de complexificação progressiva. Perante este facto, poderemos ser levados a pensar que as línguas progridem e se aperfeiçoam, ou que, pelo contrário, se aproximam de uma crise exponencial que poderá ser de ruptura. O aperfeiçoamento das línguas parece contrastar com a teoria de que não há línguas perfeitas ou imperfeitas. No estado actual do nosso conhecimento, é sustentável que todas as línguas são igualmente perfeitas, a única diferença estará na dinâmica da sua actualização. Além disso, as línguas também se podem distinguir pela acumulação patrimonial, pela memória escrita, e pela capacidade de interacção dessa memória. Mas esta perspectiva pode ser invalidada pelo exemplo das grandes línguas clássicas, que elaboraram um património riquíssimo, mas foram vítimas da maior das imperfeições - deixaram de ser faladas.

²³ Ver Emile Benveniste, *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*, II, p. 123 - *med- et la notion de mesure.

Deveremos antes questionar-nos, se podem as línguas funcionar com estas inundações de palavras, sem sofrerem uma espécie de saturação ou de entropia? Podem os seres humanos continuar a lidar com a crescente complexificação do sistema, sobretudo se considerarmos que são extremamente limitadas as capacidades humanas de memória e de instrumentação do próprio corpo?

Não podemos desconsiderar a impressão de que os sistemas linguísticos se complicam ou se complexificam, num processo que nos ultrapassa como todo o conhecimento do mundo... Poderemos talvez distinguir entre a memória e as virtualidades do sistema, entre as ilimitadas disponibilidades de uso e a competência dos falantes que é limitada e modesta. Mas é justamente essa competência dos falantes feita à medida da mediania humana, naturalmente limitada e modesta, que actualiza e configura a língua, e que põe em questão a sua progressiva complexidade. O comum dos humanos mobiliza hoje, para além da palavra, muitos outros recursos que promovem o encontro das vontades de modo muito eficaz. Vamos tendo mais palavras, e parece que as palavras fazem agora menos falta para a vida em cidade. Esperamos que a sociolinguística e a estatística esclareçam essa opinião impressionista, que frequentemente proclama a erosão do discurso e da coloquialidade quotidiana e sobretudo lamenta que os saberes linguísticos se manifestem cada vez mais numa experiência comunicacional verbalmente empobrecida, não obstante a existência de novas gramáticas e de novos dicionários sempre mais volumosos.

A desregulação do espaço de circulação da palavra; a perda definitiva da reciprocidade e da equidade no encontro e na relação verbal; a soberania do visual, do icónico e do ruído na vida em cidade; e finalmente a complexificação do sistema parecem indicar que nos aproximamos de limites de ruptura que poderão modificar consideravelmente o funcionamento das línguas e o modo de comunicar entre os humanos.